



Poder, igreja e controle social no Maranhão colonial

Rafael de Lima Ribeiro¹

Provavelmente, todas as sociedades possuem alguma relação com o passado, portanto, há algum tipo de memória envolvido nisso. Mas a História, como uma relação específica com o passado, sugere alguns elementos que são parte de nosso legado cultural, e que deveriam ser preservados. Memória, como Marc Bloch, o grande historiador, disse, ao falar sobre memória nas sociedades medievais, na Europa medieval, a memória é uma força extremamente plástica. Então, há memória a respeito de eventos, tradições, mas elas são continuamente remodeladas. E quando estamos na esfera da memória, é impossível verificar, é impossível criar uma distinção entre o que é verdade e o que é remodelado. Então, a História/memória nos fornece instrumentos que estão sempre abertos à rejeição, mas essa é a parte científica deles. E esses instrumentos possibilitam a confirmação de dados e de memórias.

A colonização do Brasil foi marcada pela ação das ordens religiosas, em especial os jesuítas, nas tribos e nas populações nativas, promovendo a expansão do catolicismo. Contudo, não se pode deixar de mencionar que a América portuguesa era um lugar de encontro de várias culturas, o território se tornou próprio para prática de rituais religiosos e outras manifestações que iam totalmente contra os ensinamentos católicos. Muitas vezes com a grande influência dos indígenas ou dos escravos africanos, os fiéis católicos se desviavam de seus dogmas e recorriam a outras crenças não católicas.

Esse intercâmbio cultural inevitável acabou se tornando uma das maiores preocupações para a Igreja, temendo justamente o distanciamento moral e ético exercidos pelo catolicismo. Sendo esse fator como um grande alerta para o enfraquecimento do catolicismo no Brasil, fora necessário utilizar ferramentas para combater essas “ameaças” que permeavam a sociedade colonial. O Brasil recebeu

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação de História pela Universidade Federal do Amazonas.
Rafael_recife77@hotmail.com



visitações: a primeira em Bahia e Pernambuco no século XVI; a segunda na Bahia no século XVII; e a terceira no Grão-Pará no século XVIII.

Um simples caso pode nos levar a conclusões muito distantes, como a heresia sendo não apenas um rótulo para a perseguição, mas como homólogo popular e também com uma perspectiva mais ampla como cultura popular como um tópico extremamente rico.

Analisar a ação do Tribunal do Santo Ofício² na América Portuguesa vem contribuindo para a historiografia brasileira em múltiplos aspectos, tais como o cultural, social, privado, religioso, entre outros. Essas investigações nos permite perceber os mecanismos utilizados pelo Santo Ofício através da documentação inquisitorial, os chamados Autos, na perseguição e “investigação” dos acusados de “desvios de conduta”. Adentrando nas produções da historiografia, tanto as “clássicas” quanto as mais recentes, sobre as visitas inquisitoriais no Brasil, nota-se a grande contribuição desta “instituição investigativa” na reconstrução cultural do Brasil colonial. A coroa portuguesa se limitou a enviar visitas gerais, bem como manter agentes locais, para vistoriar as condutas dos hereges nas colônias de tempos em tempos.

O estudo em questão tem como proposta analisar as formas de controle social exercidas pela Igreja através dos agentes inquisitoriais e diocesanos no Maranhão, na primeira metade do século XVIII. Utilizando a Inquisição e a Igreja para estudar, através dessas “instituições”, os mecanismos utilizados pelos seus agentes para desempenhar esse poder.

Partindo da premissa de que as questões são o que conduz as quaisquer investigações, mas não necessariamente as questões em si, e sim como são feitos tais questionamentos. Ou seja, os questionamentos que são relevantes, adicionando a relevância do papel da *Micro-história* é o de possibilitar um intenso estudo ou caso que será levado melhor a uma generalização. Portanto, não é um “culto” ao fragmento ou ao caso, é importante porque poderá levar a questões e generalizações provisórias.

² Órgão de investigação e repressão instituído pela Igreja Católica na Idade Média para investigar a existência de heresias em qualquer bispado.



Analisando a documentação das visitas realizadas no Maranhão, é possível observar a interação entre a cultura escrita e cultura oral. A Igreja possui várias ferramentas de propagação dos dogmas, entre o qual se destaca a Bíblia. Com fácil acesso, em um território em transição, mas já com o objetivo de institucionalizá-lo em cristão, já no século XVIII há uma cultura escrita nesse âmbito religioso imbricado na sociedade. As denúncias parciais são compostas por delitos de âmbito moral, diferenciando assim das visitas inquisitoriais, onde os perfis dos denunciados são de desvios heréticos, sendo comuns as denúncias com práticas mágicas, xamanismos e outros desvios, tornando evidente um fundo impregnado com cultura oral, justificado com a relação com indígenas e negros na região. Portanto, esse tipo de experiência que pode ser compartilhada por muitas pessoas em diferentes espaços.

Michel Foucault aponta no decorrer da primeira parte da obra Vigiar e Punir – Suplício - características referentes à receptividade desta punição em forma de disciplina, sendo um dos mecanismos políticos de controle. As disciplinas se apresentam para desfazer as “multidões confusas e perigosas”, onde surge a comoção do público perante o supliciado, gerando comoção e identificação imediata com o agredido, e não com o agressor, criando assim um questionamento desse poder do soberano. Formando uma multidão perigosa e confusa, as disciplinas assumem o papel organizacional desse espaço confuso. Todas essas técnicas do tempo, do espaço e do corpo também servem de propósitos políticos do controle social.

Com essa ideia de poder e de seu funcionamento que Foucault desenvolve, segundo a qual o funcionamento essencial do poder é produzir fronteiras, dividir a sociedade entre dois espaços, que serão o espaço interno – o espaço social, digno, o espaço da razão – e o espaço externo. E isso não é dividir a sociedade em duas, e sim definir o que é o mundo normal e, do lado externo, o conjunto de indivíduos designados para essa posição. E é o poder que opera a exclusão entre interno e o externo, ou seja, é o que gera uma parte escura, uma parte tenebrosa, obscura, da sociedade.



Foucault também defende que não há nenhuma luta mais importante que a outra. Nunca se deve acreditar que haveria uma temporalidade política passível de ser hierarquizada priorizando certos problemas a serem resolvidos ante outros ou utilizando o discurso de que é uma preocupação minoritária e não com a maioria. Para Foucault, todas as lutas são igualmente centrais, porque cada um de nós é o centro de sua própria vida, porque a vida social é dispersa, e, como não há hierarquia na política, as lutas são equivalentes, e é preciso ser sempre combativo e vigilante. Ou seja, qualquer momento discursivo, qualquer estratégia e discurso de um e de outro, qualquer palavra anônima são significativos.

É possível encontrar trabalhos acerca das visitas diocesanas na América Portuguesa em seus vários momentos, assim como em vários espaços em que atuaram³. Porém, ao que tange a Amazônia colonial, ainda existe certa “carência” em sua produção. As contribuições dos estudos realizados explorando a região contribuem em muito em sua (re)construção historiográfica, mas é possível perceber um distanciamento dos estudos relacionados a temas que abordam a religiosidade, principalmente no período colonial.

Por outro lado, ao considerar os trabalhos recentes sobre a visita inquisitorial no Grão-Pará, nota-se a existência de um mecanismo de vigilância perante as sociedades investigadas e denunciadas⁴, contudo, se apresentando de maneira mais tímida na análise principal desses estudos: o controle social. Desta forma, é ainda necessário analisar os processos e denúncias produzidos durante a atuação do Santo Ofício, em particular no Maranhão setecentista, onde poderão ser encontradas essas sinalizações de poder para a efetivação do controle social.

Para responder a esse problema, nossa proposta é analisar uma documentação inédita, das visitas diocesanas no Maranhão, que tange os anos de 1734 e 1741⁵. Permeando a pesquisa com a análise dos autos inquisitoriais, à luz dos estudos já produzidos sobre a ação inquisitorial no século XVIII, porém com o enfoque nessa prática, do controle social, que permitirá alcançar novas informações

³ BOSCHI, Caio Cesar. As visitas diocesanas e a Inquisição na Colônia. RBH 7 (14), p. 151-184, São Paulo, 1987.

⁴ OLIVEIRA, Maria Olíndina Andrade de. *Olhares Inquisitoriais na Amazônia Portuguesa: o Tribunal do Santo Ofício e disciplinamento dos costumes*. Manaus: UFAM, dissertação de 2010.

⁵ Arquivo Público do Maranhão.



sobre essas atuações perante essa nova perspectiva de análise. Apresentando características que comprovarão a problemática desta pesquisa.

Michel Foucault trabalha uma das questões fundamentais para a compreensão das relações humanas, que são as relações de poder. Ao analisar o poder, geralmente há uma tendência a centralizar o poder em alguma coisa (uma Instituição, um Estado, um Governo), palavras que são bastante amplas e que geralmente não há uma definição uniforme⁶.

Foucault tem uma concepção ampla e talvez até um pouco radical, defendendo que o poder não é algo que se possui, não é uma substância, o poder é algo que se exerce. O poder é algo dinâmico, que está em movimento, exercido em rede, ou seja, não existe apenas um centro de poder, ele está espalhado em inúmeros lugares e em inúmeros momentos, quase que se ramifica, sendo assim o poder está entrelaçado em inúmeros nós.

O autor também chama a atenção de que não existe alguém que esteja fora do poder, assim como não existe alguém que detenha o poder (exceto por pequenos espaços de tempo) absoluto, o poder completo. Ao contrário, o poder é algo que está sempre em jogo, sempre tentando se refazer. Em uma sociedade onde temos conflitos, onde temos lutas, o pensamento de Foucault nos ajuda a lembrar que para entendermos o mundo contemporâneo é preciso entender que as relações de poder são muito mais fragmentárias do que propriamente unitárias.

Para a compreensão dos métodos adotados pelo Tribunal do Santo Ofício para investigar e punir os acusados será utilizada a abordagem de Foucault no que tange o poder disciplinar⁷. A abordagem é desenvolver e aprofundar as transformações e deslocamentos que essa nova tecnologia de poder das disciplinas introduzem na virada do século XVII para o século XVIII. Foucault faz uma comparação entre os soldados entre os séculos XVII e XVIII onde se aplica forte mudança e influência em termos de organização e gestão do tempo, do espaço, dos mínimos movimentos, tornando assim o que seria honra e glória para um soldado,

⁶ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 28ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014. pp. 73 – 85.

⁷ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. pp. 76 – 101.



tornando-se apenas um fragmento móvel no espaço devido a essa nova organização disciplinar principalmente do espaço do corpo:

“Houve, durante a Época Clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam. O grande livro do homem-máquina foi escrito simultaneamente em dois registros: no anátomo-metafísico, cujas primeiras páginas haviam sido escritas por Descartes e que os médicos, os filósofos continuaram; o outro, técnico-político, constituído por um conjunto de regulamentos militares, escolares, hospitalares e por processos empíricos e refletidos para controlar ou corrigir as operações do corpo.”⁸

Preocupamo-nos em permear o social e o cultural, e para tal é necessário analisar em uma escala menor, que não seja tão estruturante ou de tão longa duração, a história *Micro*. Ao analisar em uma escala menor, tal como fora o caso de *Menocchio*⁹, surgem muitas questões que fogem da homogeneização de um olhar *Macro*, não permitindo assim uma investigação mais concisa das fontes.

Ao analisar o processo inquisitorial do caso de *Menocchio*, incluindo os aspectos da tortura e da execução por parte da Inquisição, chamou muito a atenção de Ginzburg às particularidades do moleiro. O fato de ser letrado em um contexto onde comumente as pessoas eram analfabetas; por ter várias crenças muito particulares que mesclavam dogmas católicos com crenças populares, tendo uma concepção bastante particular da vida após a morte, do mundo e da criação. Portanto, a análise da personagem mesmo sendo um pouco exótico resulta em conclusões que dificilmente seriam percebidas mantendo um olhar *Macro* sobre a situação. Um único sujeito que possui crenças complexas, permitindo assim um leque de possibilidades sobre seus pensamentos, suas influências literárias, quebrando o olhar homogeneizante que trata como ignorantes aqueles camponeses que não possuíam a capacidade de pensar por si mesmos para fora do dogmatismo religioso, surgindo também muitas questões importantes ao se realizar uma análise como tal.

⁸ Ibid, pp. 134.

⁹ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.



Ao investigar o exorcista *Giovan Battista Chiesa*¹⁰, que vivia em um pequeno vilarejo na região de Piemonte na Itália, exorcizava demônios de muitas pessoas que o procuravam por responsabilizar esses demônios por suas enfermidades e problemas em suas vidas. O caso de Chiesa não toma tanto tempo da obra, mas Levi vai além. Discute as crenças das pessoas no vilarejo; aborda os motivos que levam as pessoas á acreditarem no exorcista (claramente falsário); remete a intolerância da Igreja em relação á sua prática; revela o prestígio que esse exorcista herda de seu pai. A partir dessas investigações, Levi nos traz novas questões sobre as estratégias que essas pessoas utilizam para lidar com as incertezas de um mundo em privação, privação trazida pela guerra, pela doença, pela fome; as relações de clientelismo e de servidão. Levi busca muitos documentos que trazem dados econômicos naquele momento, mostrando compra e venda de terras, trazendo esses documentos várias questões referentes á forma de como era feito tal processo e os motivos de serem realizados de tal maneira. Uma gama vasta de possibilidades, tudo isso partindo de uma análise sobre um exorcista em um vilarejo pequeno que comumente seria considerado um lugar inexpressivo.

Ao realizar uma análise essencialmente estruturante, se encontrará respostas “prontas” que ignoram as nuances das relações humanas, dos acontecimentos cotidianos e resultará em respostas muito homogêneas. Os resultados de um olhar muito *Macro* e abrangente, “esquece” as particularidades da vida das pessoas. Particularidades essas que podem dar contribuições muito importantes para a melhor compreensão das relações sociais, aplicando essa metodologia para analisar os autos inquisitoriais produzidos pelos visitantes do presente estudo, João Rodrigues Covete, atuando em 1734 e Antonio Mouzinho Garro, atuando em 1741, serão respondidos os questionamentos presentes na pesquisa.

A pesquisa irá se valer de algumas visitas diocesanas da Cúria do Maranhão, que se encontram sob a guarda no Arquivo Público do Estado do Maranhão, que foram digitalizadas e se encontram em poder do pesquisador. Tais como:

Os autos de visitação na Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré (1734);

¹⁰ LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.



Os autos de visitação na Freguesia de Nossa Senhora do Rosário (1734);

Os autos de visitação na Vila de Tapuitapera (1741).

A pesquisa irá igualmente fazer uso das denúncias e processos inquisitoriais sobre o Maranhão na primeira metade do século XVIII, bem como de alguns documentos pertencentes ao Tribunal do Santo Ofício, como cartas e ordens encaminhadas aos agentes inquisitoriais no Maranhão. Todos os documentos pertencem ao Fundo Inquisição de Lisboa, do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, que se encontram disponíveis *online*.

Investigar os autos inquisitoriais, e mais precisamente, as visitas diocesanas, produzidos na segunda metade do século XVIII no Maranhão, será possível analisar as formas de controle social através das ações disciplinadoras, pelo caráter repressivo que esteve presente nessas áreas pelas visitações, que será o ponto principal para compreender esses mecanismos de poder local.

A memória tem um elemento afetivo muito forte. Um acontecimento rememorado será expressado de uma forma narrativa vira uma maneira pelo qual um sujeito constrói um sentido do próprio passado, uma memória que vira um relato comunicável, com mínimo de coerência, ou seja, um discurso. A memória é um compartilhamento de lembranças e discursos acerca do passado, uma memória compartilhada, um olhar para o passado ancorado aos interesses e visões de mundo do presente, sem muito senso crítico, sem método. É um tipo de fonte que a História usa, mas não a História em si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D'Assunção. O campo da História: especialidades e abordagens. 1ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: VOZES, 2013;

_____. O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico. 9ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: VOZES, 2013;



BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. Bauru, São Paulo: Edipro, 2016;

_____. *Os reis taumaturgos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993;

BOSCHI, Caio Cesar. *As visitas diocesanas e a Inquisição na Colônia*. RBH 7 (14), São Paulo, 1987;

CARDOSO, Ciro Flamarion. Vainfas, Ronaldo. *Novos domínios da História*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012;

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 26ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2016;

ESPADA, Henrique Lima. *A Micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006;

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 28ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014;

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014;

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1991;

_____. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006;

_____. *Os andarilhos do bem*. 1ª ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010;

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2013;

LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000;

_____. *Los usos de la biografía*. En: *Annales* 44 Amnée – No. 6, Noviembre – diciembre, 1999, pp. 1325-1337;



OLIVEIRA, Maria Olindina Andrade de. *Olhares Inquisitoriais na Amazônia Portuguesa: o Tribunal do Santo Ofício e disciplinamento dos costumes*. Manaus: UFAM, dissertação de 2010;

PARADA, Maurício. *Os historiadores: clássicos da História, vol. 3: de Ricoeur a Chartier*. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes: PUC-Rio, 2014;

SALES, Véronique. *Os historiadores*. 1ª ed. São Paulo: Unesp, 2011;

SENA, Odenildo. *A engenharia do texto: um caminho rumo à prática da boa redação*. 4ª ed. Manaus: Valer, 2011;

SILVA, Kalina Vanderlei. *Dicionário de conceitos históricos*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006;

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.